

Cadernos

IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 352 | vol. 21 | 2023



Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo

Svitlana Matviyenko

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 21 | nº 352 | vol. 21 | 2023

**Guerra russa na Ucrânia.
Terrorismo energético,
ciberguerra e atmoterrorismo**

Svitlana Matviyenko

Escritora ucraniana, crítica literária, pesquisadora cultural e professora
na Escola de Comunicação na Simon Fraser University - Canadá

Tradução de Isaque Gomes Correa



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXI – Nº 352 – V. 21 – 2023

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Public domain photograph related to Korean War, 1950-1953 | Garystockbridge617

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Dentro do ciclo de estudos **Transição Energética e o Colapso Global. Limites e possibilidades**, promovido pelo IHU ao longo de 2023, Svitlana Matviyenko proferiu, em 16 de agosto, a conferência intitulada **“Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo”**.

Svitlana Matviyenko é professora assistente de Análise Crítica de Mídia na Escola de Comunicação na Simon Fraser University, no Canadá. Seus estudos enfocam informação e guerra cibernética, economia política da informação, mídia e meio ambiente, e estudos de infraestrutura. Tem publicações nas áreas de resistência e mobilização, militarismo digital, desinformação e desinformação, história da internet, cibernética, entre outros.

A tradução é de Isaque Gomes Correa.

Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo

Svitlana Matviyenko

Escritora ucraniana, crítica literária, pesquisadora cultural e professora na Escola de Comunicação na Simon Fraser University - Canadá

EIS A CONFERÊNCIA.

No último um ano e meio, período que estive na Ucrânia, concedi entrevistas para canais do mundo inteiro. Provavelmente em função da minha especialização, sempre me pediam para falar sobre desinformação: a máquina de desinformação russa, seu poder e como ela conduziu à guerra. À medida que comentava a respeito do tópico da desinformação, notei uma mudança qualitativa muito séria que indicava uma transição das práticas de desinformação, de enganação, como parte da guerra cibernética informacional, até a produção estratégica de terror.

Um ato premeditado e ilegal de terrorismo cometi-

do, seja por rebeldes, seja pelos governos, pode ser isolado, mas pode também ocorrer em um contexto bélico. Neste caso, o ato deve também ser distinguido como tal. Como escreve o historiador Charles Townshend: “Claramente a guerra e o terror estão intimamente relacionados, [entretanto] a essência do terrorismo, em contraste com a guerra é, com certeza, a negação do combate. Seus alvos são atacados de um modo que inibem (ou melhor, proíbem) a autodefesa”.¹

Vendo atos isolados diferentes e, no entanto, sistêmicos na guerra em curso, entendi que estes atos de terror deveriam ser abordados **ambientalmente**, isto é, considerando todas as conexões e relações que impactam e destroem, bem como as infraestruturas que possibilitam estes atos de terror.

Os ambientes de terror desta guerra são caracterizados por **alvejar** simultaneamente a população ucraniana com armas e com informações. Esta estratégia pode ser associada com os nomes de pelo menos dois comandantes das forças armadas russas na Ucrânia: o general Sergey Surovikin e o general Valery Gerasimov, ambos atualmente desligados de seus cargos. Era esperado que o general Surovikin, supervisor do bombardeio de Aleppo em 2016, quando as forças do governo sírio retomaram a cidade, empregasse os mesmos métodos de bombardeio maciço e a política de terra arrasada como estratégias militares que visam destruir tudo o que pode ser útil ao inimigo, o que ele fez, desde o primeiro dia de sua nomeação; o bombardeio massivo de Kiev e tantas outras cidades e comunidades ucranianas em meados de outubro foi o seu ato inaugural.

O general Gerasimov está presente neste cenário

1 TOWNSHEND, Charles. Terrorism: a very short introduction, 2011.

há bastante tempo. Em 2013, ele proferiu um discurso em um congresso militar russo que analisava uma campanha bélica contemporânea, híbrida, não linear americana muito útil para um conflito na “zona cinzenta”. Seu texto foi publicado em uma obscura revista chamada *Military-Industrial Courier*. Sua forma de pensar passou a ser conhecida como “a doutrina Gerasimov” (melhor seria dizer: a doutrina Keith Alexander ou a doutrina da NSA, porque a teoria era, evidentemente, roubada destes).²

AMBIENTE DE TERROR

O ambiente de terror é produzido ao alvejar duplamente a população civil por meio de armas e de informações. Vejamos a noção de “ambiente”. Concebido a partir de enquadramentos conceituais ocidentais pós-iluministas, o “ambiente” da modernidade europeia tem sido considerado desde o fim do século XVIII e decorre diretamente da divisão convencional entre natureza e cultura.

É compreensível que a palavra “ambiente” apareça, pela primeira vez no sentido moderno, em 1828. Este ano representa a aurora da era que produziria a cidade fabril e a ferrovia, a industrialização de alta velocidade, o mapeamento extensivo e a extração dos recursos naturais, além do uso intensivo de combustível fóssil, sendo todos estes sinais observáveis do Antropoceno.

Para o historiador, crítico e sociólogo escocês Thomas Carlyle, ambiente é uma noção contrailuminista

2 NSA é a National Security Agency, agência de segurança americana; o general Keith Alexander dirigiu a agência de 2005 a 2013. (Nota do tradutor)

que, em contrariedade à divisão entre natureza e cultura, comunica uma abordagem holística. Esta noção diz respeito às fronteiras porosas e cambiantes do eu e de sua conexão com o entorno, que pode ser físico, social, intelectual e espiritual.³

Para o filósofo, psicólogo, biólogo, antropólogo e sociólogo inglês Herbert Spencer, ambiente não se refere somente a fatores físicos e biológicos como também a fatores sociais e políticos. Spencer escreveu sobre o ocultamento dos diferentes elementos que compõem o mundo fora do organismo e as relações entre esses elementos.⁴ A noção de ambiente refletiu e auxiliou a criar possibilidades conceituais ao pensamento ecológico. Ao mesmo tempo, ela teve um impacto imenso sobre as estratégias e táticas de guerra havidas nos séculos XX e XXI.

Há duas décadas, o filósofo alemão Peter Sloterdijk propôs que a “descoberta do ‘ambiente’ ocorreu nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial”.⁵ Com isso o pensador indicou o uso de gás como arma durante a guerra – primeiramente pela França como gás lacrimogêneo em agosto de 1914, em seguida pela Alemanha em abril de 1915, sob a liderança do vencedor do Prêmio Nobel de Química, Fritz Haber, que estava à frente do programa alemão de guerra química.

Foi sob sua supervisão que os alemães usaram o cloro pela primeira vez. Com o passar dos anos, viu-se que o gás carregado pelo vento se espalhava pelos campos, fazendo com que os engenheiros da guerra química o direcionassem às massas de soldados inimigos.

3 MACDUFFIE, Allen. “Environment”; PEARCE, Trevor. “The Origins and Development of the Idea of Organism-Environment Interaction”.
4 Idem.
5 SLOTERDIJK, Peter. *Terror from the Air*, 18.

gos, destruindo o que Spencer descrevera como aglomerados “ocultos”, relações e processos, isto é, todos os elementos das infraestruturas sustentadoras da vida no mundo fora do organismo.

A guerra química estava sincronizada com a reimaginação do campo de batalha do ponto de vista aéreo, o que hoje se conhece como visão de drone. Sloterdijk utiliza outra descrição, que aprecio mais; ele fala das guerras “ecologizadas”, com ênfase nas relações, como um objeto de armamentização e um alvo de destruição.

“O século XX”, projeta Sloterdijk, “será lembrado como a era cujo pensamento essencial consistiu em alvejar não mais o corpo, mas o ambiente do inimigo”,⁶ o “envelope atmosférico imediato”.⁷ “Visto que ar e atmosfera são os meios primordiais para a vida”⁸, escreve, o alvo primário para a destruição vira o “ambiente aéreo no qual os corpos inimigos movem-se, sujeitos ao seu próprio reflexo respiratório”.⁹

Pensar a guerra em termos ambientais torna-se o padrão para todas as guerras modernas. Constitui a continuidade entre os conflitos bélicos do século XX e as guerras do século XXI, o que é visto com clareza na guerra em curso na Ucrânia, que vem acumulando táticas e estratégias tanto da Primeira quanto da Segunda Guerra Mundial. É, ao mesmo tempo, uma guerra de trincheira/artilharia e uma guerra aérea: há uma fusão da computação com o fogo antiaéreo; estratégias de campos de batalha são auxiliadas por cálculos probabilísticos. É também uma guerra cibernética¹⁰ que, à

6 Ibid., 14

7 Ibid., 25.

8 Ibid.

9 Ibid., 22.

10 Dyer-Witthford & Matviyenko, 5

parte do uso “cinético” de helicópteros, artilharia, baterias de foguetes, tanques, armas pequenas e outros armamentos convencionais, também envolve comandos eletrônicos, controles, comunicação e armas que miram sistemas.

Isso tudo se amplifica com a inteligência de sinais e de fonte aberta, inteligência aérea e terrestre, monitoramento e análise de redes sociais com ou sem *softwares* especiais.¹¹ Ataques cibernéticos e invasões em curso têm mostrado coerência com as definições tradicionais de guerra cibernética, mas o conflito atual também vem marcando um ponto de inflexão a aeronaves não tripuladas. Este desenvolvimento eleva a noção de “guerra cibernética” a um outro nível. Tanto as forças russas quanto as ucranianas usam drones para vigilância, correção de fogo de artilharia, lançamento de bombas, interferência em antenas de comunicação móvel e envio de mensagens ameaçadoras aos soldados inimigos, conhecidas como “bombardeio por SMS”. Além do uso extensivo destas tecnologias no campo de batalha, o exército russo tem usado drones para aterrozar e bombardear civis. Aqui o estado russo explora o legado mais sombrio da guerra americana ao terror.

A noção de ambiente de terror ajuda a entender a interconexão de todos os elementos desta composição complexa e sua materialidade, densidade. É nela onde convergem temas que vão desde frequências de rádio até o fósforo, da eletricidade à radiação.

USINAS DE ENERGIA NUCLEAR OCUPADAS

A seguir, falarei sobre três exemplos que apresentam novos desdobramentos dignos de atenção. O

11 Dyer-Witthford & Matviyenko, 5

primeiro é o “modelo atmoterrosista” em ação durante a guerra entre Rússia e Ucrânia e tem uma dimensão nuclear. Desde o começo da invasão em larga escala, testemunhamos uma ocupação militar sem precedente de usinas de energia nuclear. De início, nas primeiras horas da invasão forças russas adentraram o território da antiga Usina Elétrica Nuclear de Chernobyl, que hoje é uma empresa estatal especializada na desmontagem das unidades de energia nuclear de Chernobyl. Em seguida, um mês depois, eles ocuparam a maior planta nuclear da Europa, a Usina Nuclear de Zaporizhzhia. A ação virou o centro de uma crise de segurança nuclear internacional, descrita mais precisamente como um ato de **terrorismo nuclear**.¹² O ato de terrorismo aqui diz respeito não só à tortura dos trabalhadores ou à presença de veículos militares pesados nas proximidades de reatores nucleares e contêineres com combustível usado, mas também os atos de desconexão dos planos junto aos sistemas de monitoramento internacional. Uma tal armamentização das usinas nucleares permite identificar esta guerra não só como cibernética, mas também como uma guerra cibernética nuclear.

A Zona de Exclusão de Chernobyl é um dos terrenos baldios modernos que, defendendo, mostra a lógica moderna do colonialismo radiativo. Como escreve o teórico pós-colonial e historiador Robert C. J. Young: “transformada pela força, a colônia poderia também virar um laboratório de experimentos de novas tecnologias e maneiras de pensar”, o que faz de uma colônia um “laboratório de modernidade”, o que eu digo que a zona de Chernobyl é exemplo.

Desse modo eu discordo do teórico da cultura russa
12 Matviyenko, “Nuclear Cyberwar”.

so Alexander Etkind em seu mais recente livro onde descreve a Rússia, o agressor na guerra imperial contra a Ucrânia, como se estivesse agindo “contra a modernidade”. Pelo contrário, eu diria que, ao mobilizar os legados imperiais e coloniais incorporados em seu regime à guerra contra a Ucrânia, herdeira do Império Russo, a Federação Russa age exatamente como um agente da modernidade – um estado imperial moderno com fronteiras instáveis e sempre pronto à expansão violenta em nome da expansão, e não simplesmente “contra” a modernidade.

A ZONA DE CHERNOBYL

A produção da Zona de Exclusão de Chernobyl, através do enquadramento de estudos coloniais e imperiais, elucida a continuidade entre as práticas coloniais soviéticas de terrenos baldios e da guerra atual de agressão – duas coisas essencialmente modernas em seu projeto imperial, onde a expansão ilimitada, via guerra colonial, a extração ilimitada dos recursos naturais em terras infraestruturalmente e/ou militarmente subsumidas, são os mecanismos operativos centrais. As atividades soviéticas na região também demonstraram um aspecto crucial para a fusão moderna de paz e guerra, tecnologias civis e militares, governos e fábricas. O esvaziamento da Políssia ucraniana, nome da região em que fica a zona de Chernobyl, demonstra as especificidades da relação colonial entre a metrópole russa e a área rural ucraniana.

Anatoly Aleksandrov, destacado físico soviético, um dos líderes do projeto atômico da União Soviética, presidente da Academia de Ciências, tendo trabalhado com o físico soviético Igor Kurchatov, diretor

do ex-programa soviético de armas nucleares, ficou conhecido por dizer que os reatores nucleares de seu projeto moderados a grafite, os RBMK, não explodem e eram seguros o suficiente para ser instalados na Praça Vermelha em Moscou. Em vez disso, o governo soviético instalou-os a 140 quilômetros de Kiev, na região florestal de Polissia, impactando para sempre a vida tradicional na área transformada em um polígono na contestação da Guerra Fria com o Ocidente.

O regime soviético na Polissia também demonstra as características de um outro tipo de colônia debatido por Young: a guarnição. Uma colônia de guarnição tradicional, como nos dizem os dicionários, é um lugar em que tropas são aquarteladas para fins defensivos ou outros propósitos militares em uma localização particular, originalmente para guardá-la. O termo aplica-se também para certas instalações que constituem uma base militar ou sedes militares fortificadas.

Sustento que a cidade de Chernobyl e o território militarizado sob segurança militar em torno dela, incluindo a cidade de Pripyat, formavam uma colônia de guarnição do complexo militar-industrial soviético no território ucraniano. Pripyat foi fundada em 04-02-1970 para servir à futura usina nuclear como a nova atomgrad soviética, uma cidade fechada [construída especificamente para abrigar instalações nucleares, como usinas, laboratórios de pesquisa e armazéns de armas].

Isto nos conta sobre o terrorismo não acidental e sobre a zona de Chernobyl não acidental, elementos que têm uma longa história. Também demonstra a genealogia imperialista levada a cabo durante a guerra entre Rússia e Ucrânia.

MAXAR – CAMPO

A segunda coisa que destaco ao falar de uma guerra ambiental é que precisamos falar de poluição como uma arma de guerra, não como um efeito colateral. A poluição é um componente essencial. Há uma imagem de satélite feita pela empresa Maxar Technologies no fim de março de 2022. Ela foi analisada pelo Ukrainian Nature Conservation Group – UNCG. É um exemplo relativamente antigo que, mesmo assim, eu uso porque mostra o quanto podemos aprender com imagens de satélites e o quanto de destruição já é visível, e já era visível há mais de um ano. A imagem captura o bairro de Izyum, na região de Kharkiv, onde houve uma ação militar severa. Os pesquisadores contabilizaram “480 buracos em forma de funil, o que sugere que cerca de 50 toneladas de aço, 1 tonelada de compostos sulfúricos e 2.35 toneladas de cobre teriam entradas no solo por metro quadrado neste campo”. Tais explosões, concluem os especialistas, “arrancaram pelo menos 90 mil toneladas de solo”.

Este ecossistema já se encontra danificado severamente e irá exigir muitos anos para ser recuperado, desde que não sofra de erosão irreversível após o nível superior de terra perder a fertilidade, liberando o material orgânico na atmosfera.¹³ O que permanece invisível, no entanto, e assim indisponível para avaliação, é o número supostamente elevadíssimo de projéteis não detonados presos ao solo, estimados em 3 a 30% dos que nele se encontram. Estes constituem uma forma retardada de dano, um desenvolvimento na 13 Олексій Василіюк, Валерія Колодежна, “Яка доля пошкоджених вибухами українських територій?” Українська природоохоронна група (UGG) (6 de junho de 2022). Disponível em: uncg.org.ua/iakoiu-maie-buty-dolia-poshkodzhenykh-vybukhamy-ukrainskykhterytorij.

temporalidade complexa do trauma ecocida da guerra na Ucrânia. Em janeiro de 2023, foi informado que a Ucrânia iria se tornar o país do mundo com mais minas terrestres. Hoje, mais de 40% do território ucraniano se encontra minado – 250 mil metros quadrados.

Depois houve o rompimento da barragem de Kakhovka em 6 de junho de 2023. A consequência foi o enorme alagamento. Portanto, o dano de que estávamos falando em relação ao ecocídio lento, agora, depois desta explosão, vemos um tipo bem diferente acontecendo. Após falar com especialistas que lidam com a questão do ecocídio, mas também com ativistas e lobistas, percebi haver um precedente hoje. Estas pessoas esperam que o Tribunal Internacional considere o ecocídio um crime de guerra, pois, até então, não é. Em seguida, se uma tal lei for mudada, ela poderá ser alterada usando o precedente da barragem de Kakhovka, na Ucrânia, com o que poderemos levar os responsáveis à justiça.

A TRANSIÇÃO DA DESINFORMAÇÃO AO TERROR

O terceiro ponto que apresento diz respeito aos atos de violência extrema, gravados em vídeo e que circulam nas redes sociais, às vezes mostrando a decapitação de um soldado com o uniforme da Guarda Nacional ucraniana, ativistas ucranianos pelos direitos humanos sendo apresentados como nazistas, o corte de partes genitais de presos e soldados de guerra, o estupro de crianças. Todos estes vídeos circularam através de vários canais obscuros e nem tão obscuros.

Constantemente reflito sobre a natureza desta violência e de suas origens. Será que ela tem a ver com

o impulso constante da TV russa de matar, deformar, apagar, atingir? Ou será que esta violência tem a ver com textos como o ensaio do político russo Sergeytsev, em março de 2022, intitulado “O que a Rússia deveria fazer com a Ucrânia?” Ou com um padre da TV estatal que diz que os ucranianos deveriam ter suas gargantas cortadas de acordo com o Antigo Testamento? Que gatilho é este, que leva as pessoas a cometerem uma tal violência?

Quando reflito sobre este ambiente midiático, em que vídeos como estes circulam, em que estas narrativas são ditas, concluo que não se trata de uma guerra informacional como antes conhecíamos, porque não se trata de mentiras; ela tem a ver com algo mais. Não é uma **guerra de informação**. Precisamos reconhecer o que se passa hoje como uma mudança qualitativa que vai das práticas de **desinformação** à produção estratégica do terror. É por isso que chamo este quadro de ambiente de terror.

O ambiente de terror localiza-se na lacuna entre a compreensão política de “genocídio” e “crimes contra a humanidade” e a interpretação jurídica deles, especialmente quando se trata de um discurso genocida para o qual não podemos – ou quase não podemos – levar o enunciador aos tribunais. Isso porque é extremamente difícil provar a intenção de alguém ou a relação direta entre o convite a matar e ao assassinato concreto. Novas tecnologias estão sendo inventadas enquanto conversamos. Elas visam enxergar, descobrir e determinar esta relação.

O Centro contra a Desinformação, do governo ucraniano, vem coletando dados e mapeando as informações, dizem, entre os convites a matar e os eventos

em solo. Há um trabalho neste sentido. Segundo disseram, foram encontradas correlações que podem ser usadas nos tribunais. E temos precedentes deste tipo na história. Por exemplo, no genocídio em Ruanda, onde certos convites feitos via rádio foram relacionados com o genocídio, e pessoas levadas aos tribunais. Portanto, existe um precedente histórico e jurídico. Mas não temos certeza se funcionaria no caso da guerra na Ucrânia. Esperamos que sim. Como realmente fazer estas informações virarem úteis em um tribunal? Não está claro no momento.

O governo russo justificou a invasão em larga escala da Ucrânia como um “estado de exceção necessário”,¹⁴ também conhecido por “operação especial”. Mesmo com toda a mobilização que vimos, é ilegal chamá-la de “guerra”. Um “estado de exceção” designa um estado de guerra sem uma clara definição, empregando técnicas não convencionais.¹⁵ A este respeito, a descrição do estado russo feita desta guerra como uma “operação especial” é precisa: descreve a intenção de transgredir as leis de guerra abrindo espaço para crimes de guerra não regulados, criando múltiplos ambientes de terror marcados pela supressão e pela violência extremas.

E aqui faço o seguinte comentário: é absolutamente importante que chamemos de guerra porque, porque nos permite levar aos tribunais os responsáveis crimes cometidos, nos permite levá-los ao Tribunal Internacional. Por isso “guerra” é um termo importante.

14 Schmitt.

15 “Special Operations Warfare,” Britannica Online. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/special-operations-warfare>.

Câmara de tortura

Os ambientes de terror centram-se em torno de sujeitos-dados necropolíticos, simultaneamente vigiados e ameaçados no solo e a partir de cima, pela reunião de tecnologias militares e comerciais, distinções que se tornaram irrelevantes nas guerras mais recentes.¹⁶ O vetor colonial-imperial da guerra russa na Ucrânia está explícito no sudeste.

Embora houvesse salas de tortura e instalações de filtragem antes da invasão, elas remontam a 2014, bem como os exemplos de deportação de ucranianos para a Rússia, o que indica o começo da guerra para mim. Após a invasão em larga escala ambientes assim se tornaram massivos. Em dezembro de 2022, o Escritório do Procurador Geral ucraniano relatou 54 câmaras de tortura descobertas nos territórios desocupados e mais de 5.000 casos de tortura foram registrados. Naturalmente, podemos imaginar que muitas pessoas não falam a respeito destas experiências.

Eis um relato formal por parte da Equipe de Justiça Móvel, feito em 02-03-2023:

“Evidências foram coletadas de mais de 1.000 sobreviventes das câmaras de tortura em Kherson, com espancamentos físicos, tortura com choque elétrico e afogamento entre atos criminosos comuns usados contra mulheres e homens ucranianos mantidos em Kherson como uma tentativa de eliminar a resistência à ocupação. Frases, poemas e músicas pró-Rússia foram encontrados nas paredes das prisões, coisas que os prisioneiros eram forçados a aprender e recitar. Mais de 400 pessoas foram consideradas como desaparecidas a partir dos centros de tortura de Kherson e

16 Cf. Matviyenko, “Terror Environments”.

resta ainda saber se acabaram mortas ou levadas para territórios sob o comando russo.”

VETORES

Proponho a distinção de pelo menos dois vetores de chantagem agressiva, que também inclui a chantagem nuclear como modeladora no contexto do terror. São vetores que revelam a natureza sobredeterminada da guerra em curso. Um vetor é o **interimperial** e diz respeito ao processo agressivo de redistribuição do poder entre os vários dos principais atores da política e da economia internacional. Um outro vetor é **colonial/imperial** e diz respeito à relação imperial da Federação Russa para com a Ucrânia.

Aqui a comunicação interimperial se desdobra segundo a lógica da dissuasão entendida como uma ameaça ou força aplicada por uma parte para convencer outra parte a não iniciar um curso particular de ação – embora seja extremamente agressiva, ainda é uma **troca comunicativa**. A diferença é que o papel que as armas nucleares desempenham em tais trocas comunicativas nada tem a ver com **contenção**, como sabíamos desde a Guerra Fria e como era entendido anteriormente. Pelo contrário, elas têm a ver com **aceleração**. Os circuitos desta comunicação, entendidos amplamente para incluir as várias transações político-econômicas, não devem ser rompidos: o sistema luta para recomençar mesmo se ocorrer uma transformação significativa no processo. Os circuitos capitalistas, a comunicação capitalista/interimperial, operados pela lógica da dissuasão, deverão continuar e irão continuar. É por isso que, segundo dizem, as sanções não funcionam bem, e sempre haverá formas de contorná-las.

O vetor colonial/imperialista é uma trajetória de **não comunicação**. Ele estabelece o sentido para a relação de supressão, subsunção, aniquilação e apagamento. Todas as negociações ficam suspensas por tempo indefinido. “A Ucrânia não existe”, nos dizem: o vetor colonial/imperial define os processos para que esta declaração vire realidade, mesmo se depois do fato anunciado.

Obrigada. Este é o fim da minha apresentação.

PERGUNTAS:

Os ambientes de terror, a ciberguerra e as ameaças nucleares se conectam para criar a retomada da narrativa imperialista russa? Esta guerra é essencialmente a retomada de uma narrativa universal por parte da Rússia? O que eles querem reivindicar?

Como vimos no fim de minha fala, para mim é muito importante reconhecermos a combinação das diferenças razões e forças que participam nesta guerra. Não estou dizendo que todas elas realmente levaram a esta guerra, porque a razão principal, como eu vejo, tem a ver com um antecedente imperial. Então, esta guerra, muito embora eu possa dizer que estive entre os que achavam que ela não iria acontecer, muito embora eu estivesse na Ucrânia na época e observava com muita atenção e sentia a atmosfera, eu honestamente pensei que ela iria se dissolver. Fiquei extremamente incomodada com a crescente militarização, e sentia que a ameaça iria se dissolver, porém que a militarização

permaneceria. E esta era a minha preocupação no começo de 2022. Portanto mesmo alguém como eu, com conhecimento de guerras cibernéticas e da história da Guerra Fria, enxergou esta invasão como algo paradoxal. Parecia mais provável que ela fosse uma daquelas intervenções militares menores, como as do início da guerra em Donbass. Como ocorreu em 2014, como algo que iria se intensificar aí, talvez outras regiões seriam impactadas.

Esta guerra está ligada à crise energética e à crise política na Rússia. Embora naquela época parecia que a guerra iria ser dissolvida, muitos na Ucrânia diziam que estavam absolutamente certos de que ela aconteceria. Então, havia um senso de divisão muito claro a este respeito. Ao mesmo tempo, em um sentido mais teórico, em um sentido mais remoto, todos, inclusive eu, pensávamos que esta guerra era inevitável. De alguma forma, a Rússia precisava mobilizar seu legado imperial para tirar a atenção ou resolver, de algum modo, suas crises internas, que estavam bem óbvias. É assim que eu compreendo.

Quando a guerra irrompe neste grande formato, na forma de uma guerra em grande escala, temos então muitas forças participando e um circuito de comunicação. Isto foi o que de fato me intrigou, muito embora a invasão fosse dentro da Ucrânia a comunicação ocorresse a partir de todos estes fatores. Os dois vetores comunicativos que apresento são importantes para entender o que está acontecendo. A Ucrânia não é vista como um sujeito de nenhuma negociação, independentemente do que diz o governo russo neste momento, motivo porque é incrivelmente problemático.

Como percebe as estratégias na área da comunicação? A mim parece uma retomada das teses levantadas no clássico Orwell, 1984, no sentido da densa presença da vigilância e sobretudo na subversão da linguagem: criação de imagens imaculadas do império, combinada com difamação da cultura e existência ucraniana. É uma analogia válida? Quais elementos novos estão dando uma nova tônica para este conflito?

De fato, podemos ver George Orwell neste diálogo. A partir do livro citado, em sua utopia, ou como eu vejo, não exatamente como uma utopia, o senso de totalidade. O senso de totalidade, um certo entendimento. O sentido de totalidade que vem sendo pensado, de um modo muito potente, por canais midiáticos sob o formato de propagandas políticas. Este senso de totalidade, e aqui me refiro à imprensa russa, é bastante difícil de ser rompido ou superado. Ou, pelo menos, não para todos. Se alguém usa alguma tecnologia de VPN, o que hoje é proibido na Rússia e que pode ser motivo para detenção ou uma visita policial... As pessoas não devem sair da bolha; espera-se que as pessoas continuem dentro dela. Neste sentido é muito orwelliano. Podemos ver claramente este projeto.

Quando pensamos a respeito de um mesmo conteúdo, digamos, uma mesma desinformação – terror, violência, etc. – o que eu também observei é que este conteúdo está também disponível aos usuários ucranianos. É paradoxal. É um conteúdo pensado para o público russo, mas que penetra aqui; a esfera midiática russa tem vazamentos. Pequenos cliques daqui e dali, afirmações ultrajantes, alegações insanamente humilhantes, declarações que negam o genocídio, chegam

a um público ucraniano e fazem um trabalho diferente para o público uriano. Estão à parte do que descrevo como ambiente de terror. O mesmo conteúdo, podemos dizer, realiza um trabalho diverso dentro da Rússia e fora da Rússia. Na Rússia, ele funciona como uma espécie de informação, notícia, persuasão. Na Ucrânia, quase automaticamente este conteúdo funciona com a finalidade de aterrorizar.

Fiquei maravilhada com isto porque percebi que sempre que a imprensa russa fazia alguma afirmação ultrajante – por exemplo, de que o genocídio em Bucha foi encenado ou a negação do bombardeio ao teatro em Mariupol onde havia pessoas se protegendo –, estas declarações alcançavam o público ucraniano e isto fere muito. Imediatamente gera ondas de sofrimento e indignação. Eu fiquei impressionada, pois achei que não poderia ser coincidência que um mesmo conteúdo realize funções tão diferentes de um modo tão decidido, aqui e lá, e que atue como parte deste ambiente de terror na Ucrânia.

É por isso que eu dizia que quando pensamos sobre este ambiente, sobre os lados ambientais da guerra, e claro que existe literalmente essa dimensão ecológica que eu debati sobre toda a poluição, sobre a ameaça de uma explosão nuclear, mas o importante é entender que isto tudo atua junto com outros tipos de crimes e violência, como a negação de genocídio. Todas estas diferentes materialidades, produtos químicos, significados, intensidade dos sinais, os efeitos gerados nas mídias sociais, são componentes materiais diferentes de um mesmo ambiente. Se há algo que temos aprendido durante esta guerra é esta combinação. Elas não são coisas diferentes. Se vemos a guerra a partir do ponto de vista de um ambiente, como defendo, estas são

diferentes materialidades emaranhadas, machucando ao mesmo tempo os sujeitos. E estas materialidades, o impacto delas, constituem a natureza atual do terror.

O poder econômico está gerindo e quem realmente gerou esta guerra?

Acho que está bem claro que a guerra veio a partir do norte. Minha resposta é curta: a guerra veio do norte. É uma guerra colonial. É também uma guerra por combustível fóssil. É também o sintoma do colapso do setor de combustíveis fósseis. É por causa do império estar meio que comendo a si mesmo, a partir de dentro, que não mais pode ser um participante noutros tipos de mercados e câmbios. Portanto era preciso que tivesse uma guerra. Claro está que o governo russo não imaginava que esta guerra duraria tanto tempo. Acho que a informação a respeito de que a guerra seria breve é uma informação real. Algumas coisas me fazem crer nisto. Uma delas é o fato de que os soldados russos que foram presos nas regiões de Kiev nos primeiros meses de guerra tinham consigo as roupas de desfile. Eles tinham vindo para a Ucrânia não para combater, mas para realizar um desfile. Eles achavam que seria fácil. É claro que tiveram muitos colaboradores. A questão entre muitos centros ucranianos de segurança é que eles tiveram muitos agentes comprados, mas talvez porque esta corrupção foi tão longe é que o plano também não funcionou também por causa da corrupção. Porque, no fim, nem todos os que receberam propinas cooperaram. Ninguém sabe ao certo isto, pois estas informações não são reveladas. Porém há sinais que nos permitem tirar a conclusão que eu faço, de que eles acreditavam que a guerra duraria pouco tempo e, por

isso, também enviaram militares para realizarem desfiles após a vitória.

Pode explicar as relações dos sistemas jurídicos e políticos internacionais e o reconhecimento dos crimes de guerra? Classificando este conflito como uma guerra cibernética nuclear, quais os pontos que nós, enquanto humanidade, precisamos reverter? O terrorismo ecológico, ambiental, o ecocídio, é uma categoria importante para desenvolver meios eficazes de investigação e até eliminação da guerra em curso na Ucrânia?

Obrigado pela pergunta sobre a dimensão política e jurídica dos crimes de guerra. É uma questão importante, e na palestra eu pude me deter neste assunto. Farei isso agora, embora brevemente.

Existem pelo menos dois tipos de crimes de guerra. São os crimes de genocídio e os crimes contra a humanidade. São diferentes tipos de conflito bélico. Para quem não se recorda mais, eu lembro aqui: genocídio é um crime cometido contra grupos humanos. Por exemplo, dizer que “os ucranianos devem ser eliminados”, como diz um artigo recente, é uma alegação genocida. Porque existe um grupo humano visado nela, um grupo marcado por alguma identificação étnica. Portanto ela soa como genocida.

Como vimos no noticiário nos últimos meses, o Tribunal Penal Internacional – TPI deve indiciar Putin por crimes de guerra, além de Maria Lvova-Belova, autoridade russa que esteve envolvida na deportação de crianças ucranianas para a Rússia. Estas figuras podem ser levadas à justiça caso viajarem para qualquer outro

país que reconheça o TPI. Se Putin ou Maria Lvova-Belova forem para qualquer outro país poderão ser presos. Lembro que Putin não foi a dois países africanos recentemente, porque estes reconheciam o Tribunal Internacional. Putin e Maria foram indiciados no nível internacional pela deportação de crianças, não pelo massacre de Bucha. Eles têm um mandado de prisão por deportação e transferência ilegal de menores, da Ucrânia para a Rússia. Portanto, existe um caso jurídico pelo menos em que estes criminosos estão sendo aguardados para que sejam entregues à polícia. As provas foram coletadas. Estão apenas esperando o processo, e ele se refere ao tema das crianças. Há provas suficientes para o caso, e este processo das crianças é o caminho mais fácil para termos um julgamento.

Os russos reuniram crianças em uma zona de guerra e, depois, enviaram para a Rússia através das fronteiras. Isso é genocídio, de acordo com o direito internacional. Neste caso foi fácil provar a correlação entre os fatos e os responsáveis. É por isso que o TPI, ativistas e defensores dos direitos humanos fizeram uma mobilização imensa para usar este caso, pois ele era factível. Nisso, coletaram muitas outras provas nas demais áreas, em outros tipos de violência. A questão das crianças já é vista como genocídio, política e juridicamente.

Bucha é um tipo bem diferente crime. É o que eu vinha dizendo: o ambiente de terror é marcado por uma lacuna cujos lados se afastam às vezes, porque a compreensão de genocídio político e a compreensão de genocídio jurídico não são conjugadas. Todas as teorias políticas que estudam o genocídio já escreveram sobre Bucha e todo mundo concorda na questão do genocí-

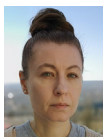
dio. Do ponto de vista da teoria política, trata-se de genocídio. Mas ainda não é genocídio juridicamente. Para que seja legalmente chamado de genocídio, é preciso levar as pessoas à justiça e considerá-las culpadas. Até acontecer este tipo de caso, o evento em Bucha sempre estará dependente desta conjugação.

Por esse motivo é que muitos de nós temos trabalhado com todas as compreensões, teorias e modos possíveis de ver as correlações entre os apelos à violência e os exemplos de violência em solo, para certificar de que, de alguma forma, algumas dessas ideias de repente nos aproximam deste método, que poderá finalmente ser usado e ser útil para provar que aquele entendimento político de genocídio pode também tem base jurídica.

O mesmo ocorre com os crimes contra a humanidade. Com mais frequência as pessoas falam de genocídio, o que é compreensível. Mas também nós temos atuado com os crimes contra a humanidade, porque a diferença reside apenas na intenção. Os crimes contra a humanidade alvejam indivíduos em massa. Quando não vemos nenhum grupo ou identidade étnica, falamos de crimes contra a humanidade. É importante haver uma precisão nestes termos porque, se não, poderemos perder o caso na justiça. Em alguns eventos falaremos de genocídio, quando houver grupos humanos; em outros, falaremos de crimes contra a humanidade, quando o alvo for indivíduos em massa, o que pode ser muitas pessoas atingidas em uma mesma localidade. São termos igualmente importantes. Ambas as coisas têm os mesmos problemas. Politicamente são reconhecidas com tais. Juridicamente, ainda é uma questão de processo.

Encerro a minha resposta convidando a pensarmos mais sobre as formas como vemos a armamentização do ambiente. Há tantas coisas sobre as quais refletir, debater, notar, observar. Podemos ver o quão facilmente o ambiente é usado como uma arma, e o quanto muitas pessoas acabam sofrendo lentamente, mas também de um modo rápido. Quando elas sofrem de uma maneira rápida, é possível ver exemplos muito imediatamente. São os efeitos do fósforo, por exemplo, ou o que aconteceu com a barragem de Kakhovka. Também permanecem os restos de uma violência lenta, aquela dos danos ambientais, que penetra e rompe conexões minúsculas dentro dos organismos e fora deles. Estabelecer uma correlação entre estes fatores não é tarefa fácil. Eles são modos pelos quais criminosos escapam da responsabilidade, armamentizando o ambiente inteiro. Portanto, quanto mais cedo o ecocídio for reconhecido como crime de guerra, e tão logo esta armamentização adentrar os debates jurídicos, tanto mais importante ele será. Porque o ambiente é usado como arma nestas guerras ativas, mas também fora delas. Afinal, como sabemos, todas as descobertas e táticas aprendidas em uma guerra ultrapassam-na para continuar alvejando outras populações por uma variedade de motivos. Em todos os lugares.

Svitlana Matviyenko



Svitlana Matviyenko. Professora assistente de Análise Crítica de Mídia na Escola de Comunicação na **Simon Fraser University - Canadá**. Sua pesquisa e ensino são focados em informação e guerra cibernética; economia política da informação; mídia e meio ambiente; estudos de infraestrutura; STS. Ela escreve sobre práticas de resistência e mobilização; militarismo digital, desinformação e desinformação; história da Internet; cibernética; psicanálise; pós-humanismo; a tecnopolítica soviética e pós-soviética; culturas nucleares, incluindo a **Zona de Exclusão de Chernobyl**.

Ela é coeditora de duas coleções, *The Imaginary App* (MIT Press, 2014) e *Lacan and the Posthuman* (Palgrave Macmillan, 2018). Ela é coautora de *Cyberwar and Revolution: Digital Subterfuge in Global Capitalism* (Minnesota UP, 2019), vencedora do prêmio de livro de 2019 da seção *Science Technology and Art in International Relations* (STAIR) da *International Studies Association* e da o prêmio do livro **Gertrude J. Robinson** da *Canadian Communication Association* 2020.

EVENTOS DO IHU COM SVITLANA MATVIYENKO

- [Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciber guerra e atmoterrorismo](#)

NOTÍCIAS COM SVITLANA MATVIYENKO PUBLICADAS PELO IHU

- [Guerra entre Rússia e Ucrânia revela novas táticas e conceitos que colocam o mundo em suspenso](#)



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávoro
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistrer
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosó da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermittências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani

 UNISINOS